

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

Rímíni, 19-21 de abril de 2013

Sexta-feira 19 de abril, noite

Na entrada e na saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para pianoforte e orquestra n. 23 em lá maior, K 488

Wilhelm Kempff, pianoforte

Ferdinand Leitner – Bamberger Symphoniker

Deutsche Grammophon

INTRODUÇÃO – Julián Carrón

Não somos nós que construímos a Igreja, “a Igreja não começa com o ‘fazer’ nosso”¹, nos lembrou Bento XVI. Não é a nossa ação que consegue despertar a nossa vida. É por isso que, como para os discípulos, também para nós aqui reunidos, para começar os nossos Exercícios espirituais, o que é mais adequado à nossa pobreza, à nossa incapacidade, é pedir: pedir o Espírito a fim de que seja Ele a nos despertar, a despertar todo o nosso desejo, toda a nossa espera de Cristo.

Ó vinde Espírito Criador

Saúdo cada um de vocês aqui presentes e todos os amigos que estão conectados conosco de diversos países, e todos aqueles que farão os Exercícios nas próximas semanas.

Começo lendo o telegrama do Santo Padre: “Por ocasião do anual curso de Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação que acontecerá em Rímíni sobre o tema ‘Quem nos separará do amor de Cristo?’, no contexto do Ano da Fé, Sua Santidade o Papa Francisco deseja dirigir aos organizadores e aos numerosos participantes a sua cordial e promissora saudação. Exprimindo contentamento com a providente iniciativa pastoral, o Santo Padre deseja que ela suscite renovada adesão ao Divino Mestre e crescente consciência de que o Senhor está vivo e caminha conosco. E ao mesmo tempo em que invoca abundantes graças celestes, pede uma lembrança na oração e envia de coração, por intercessão da Virgem Maria, a solicitada bênção apostólica, propiciadora de uma cada vez mais fecunda caminhada eclesial. Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

“Mas quando o Filho do homem voltar, encontrará a fé sobre a Terra?”²

Parece-me que essa frase expressa melhor do que qualquer outra a verdadeira questão diante da qual cada um de nós se encontra nestes tempos de modo particular. E como a ouvimos muitas vezes, o risco é que nos acomodemos com ela, considerando-a um pouco exagerada, uma frase de Jesus que, afinal, não nos diz respeito, quase que dizendo: “Mas o que isso exatamente tem a ver conosco? Poderá valer para os outros, descrentes ou agnósticos, mas para nós?”, e desse modo cancelamos a questão antes de começar.

Mas dois chamados de atenção nos indicam que não nos convém agir assim.

¹ Bento XVI, *Meditação por ocasião da primeira Congregação Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 8 de outubro de 2012.

² Lc 18,8.

O primeiro foi o gesto do Papa Bento XVI ao convocar o Ano da Fé. “Acontece não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora, um tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado. Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, [...] hoje parece que já não é assim em grandes setores da sociedade devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas”³. Essa crise está levando a resultados cada vez mais claros, mesmo em terras fecundas – dizia sempre Bento XVI aos bispos italianos –, onde há o risco de se tornarem um “deserto inabitável”⁴.

Para nós, isso deveria ser familiar, porque o Movimento nasceu exatamente para responder a esse desafio da fé quando o deserto começava a dar os primeiros sinais. Muitos de nós chegaram aqui vindos do deserto e descobriram de novo o valor do cristianismo justamente quando estavam no nada!

Entretanto, isso não pode nos confundir, como se a questão já estivesse superada, como nos testemunha esta carta: “O trabalho que você está nos propondo nestes tempos me provoca a fazer uma pergunta que jamais teria pensado em fazer depois de quase quarenta anos de Movimento: mas eu creio ou não? Claro que sim; se fosse uma teoria a repetir ou princípios a afirmar, a pergunta não seria necessária, bastaria aprender o discurso uma vez e, depois, adaptá-lo às diversas situações, e muitas vezes é assim. Enquanto para o mundo de hoje a fé não é mais um pressuposto óbvio, para mim muitas vezes há o risco de ser somente um pressuposto óbvio, já sabido, evidente. Para uma fé assim [reduzida a isso] a pergunta é: mas eu creio ou não? Essa pergunta carrega em si, muitas vezes, uma veia de ceticismo ou de moralismo, que com o tempo se torna insuportável. É como se, não bastando ou não tendo consciência do que aconteceu e continua a acontecer comigo, o crer fosse o resultado de algo que eu preciso acrescentar ou aplicar. É um esforço desgastante”.

Ou, ainda, esta outra carta: “Caro padre Carrón, durante o nosso grupinho de Escola de Comunidade, alguns de nós contaram a própria experiência. Todas as intervenções falavam de uma certa atitude frente à vida: alguns contavam como estavam cuidando dos seus pais; outros, de uma atitude diferente no trabalho, o que o deixava mais feliz; outros davam um juízo sobre um certo tipo de experiência. Todas coisas belas e interessantes, mas poderiam também ser fruto de um esforço intelectual ou moral. Então, o que a experiência cristã tem a ver com isso? Nenhum de nós duvida da existência de Deus, mas onde está a diferença? Qualquer um tomaria conta dos próprios pais, qualquer um pode ir bem no próprio trabalho, todos têm o desejo e tentam tratar bem o próprio namorado, o marido ou os filhos. Contudo, às vezes me parece que se salta logo para o depois, para as consequências. Mas o que permanece do fascínio do cristianismo de que tantas vezes falamos? O que permanece do fascínio por Cristo? Neste período fiquei impressionada com as leituras da Páscoa, que falam do maravilhamento dos apóstolos frente a Jesus ressuscitado e a frase que se repete em seguida: ‘E creram n’Ele!’. E, então, que diferença existe entre ser uma pessoa boa e um cristianismo em carne e osso?”.

A fé pode ser apenas um pressuposto óbvio ou reduzida a consequências éticas, mas do fascínio por Cristo o que permanece?

Devemos todos ser gratos a quem nos coloca essa pergunta, nos obriga a encarar essa pergunta, que não se contenta com as consequências, mas que nos joga na cara essa pergunta.

O segundo chamado vem justamente de Dom Giussani, que nunca deixou de nos incitar a não considerar óbvia a fé. O motivo é simples: podemos pertencer ao Movimento – diz ele – sem ter uma fé real: “O verdadeiro problema de CL hoje é a verdade da sua experiência e, portanto, a sua coerência com a origem. Entre nós existe uma atitude para a qual a urgência principal é o como vão as coisas ou como vai a comunidade, ao passo que a urgência deve ser a de dar de novo vida a uma sensibilidade pela verdade da experiência do Movimento. É preciso que CL se torne uma vida e não permaneça apenas um esquema. [...] Pois se pode pertencer ao Movimento, hoje, sem que isso

³ Bento XVI, *Porta fidei*, 2. Carta apostólica do dia 11 de outubro de 2011.

⁴ Bento XVI, *Discurso na Assembleia da Conferência Episcopal Italiana*, 24 de maio de 2012.

implique uma fé real, sem que a vida das pessoas e das comunidades seja contestada, sem conversão”⁵.

Papa Francisco afirmava, recentemente, que muitas vezes, “por superficialidade, às vezes por indiferença, [estamos] preocupados com muitas coisas que se consideram mais importantes que a fé”⁶. Mas isso não acontece sem deixar consequências para a vida. E para ajudar a que cada um de nós se dê conta disso, Dom Giussani nos oferece, como de hábito, o indício mais clamoroso dessa situação: “[O] sintoma [mais impressionante] da prevalência do esquema sobre a vida é dado pela desorientação que toma conta do adulto quando é colocado frente aos problemas da vida. Como tom geral, o adulto evita a dificuldade de uma encarnação da fé na vida e não se deixa questionar por ela, ou então, no relacionamento com a esposa, na educação dos filhos, no problema político ou no trabalho, age prescindindo daquilo que conclama na vida de comunidade; no máximo, faz-se portador de iniciativas lançadas pela comunidade”⁷.

Portanto, a desorientação de nós, adultos, frente aos problemas da vida está, segundo Dom Giussani, estreitamente ligada à dificuldade da encarnação da fé na vida. Se a fé não é um recurso para viver a fadiga ou os problemas que somos obrigados a enfrentar, para que serve crer? O que quer dizer ter fé? Pois Dom Giussani tem um juízo preciso sobre a situação em que vivemos: “O grande problema do mundo de hoje não é mais uma teorização interrogativa, mas uma pergunta existencial. Não ‘Quem tem razão?’, mas: ‘Como viver?’. O mundo de hoje é comparado ao nível da miséria evangélica. No tempo de Jesus o problema era como viver, e não quem tinha razão; este era o problema dos escribas e dos fariseus. Essa observação muda também a estrutura da nossa preocupação: precisamos passar de uma posição intelectualmente crítica para a paixão pelo que caracteriza o homem de hoje: a dúvida sobre a existência, o medo da existência, a fragilidade da vida, a inconsistência de si próprio, o terror da impossibilidade, o horror da desproporção entre o eu e o ideal. Esse é o fundo da questão e daí se parte para uma cultura nova, para uma criticidade nova”⁸.

Essas palavras têm, hoje, um peso ainda maior do que quando foram pronunciadas, no longínquo 1991. De fato, esse juízo de Dom Giussani identifica muito bem onde se encontra a dificuldade do viver, aquela dificuldade que Pavese descreve com a sua costumeira genialidade: “Mas a vida do homem se desenvolve mais adiante, entre as casas, nos campos. Diante do fogo e num leito. E todo o dia que nasce põe à nossa frente a mesma dificuldade e as mesmas faltas. No fim, é um tédio [...]. Há um temporal que renova os campos – nem a morte nem as grandes dores desencorajam. Mas o cansaço interminável, o esforço para nos mantermos vivos hora a hora, a notícia do mal dos outros, do mal mesquinho, enfadonho como moscas de verão – este é o viver que quebra as pernas”⁹. É difícil descrever o drama do viver cotidiano de um modo mais agudo, mais pertinente do que esse. Todo dia a mesma dificuldade e a mesma falta. Um cansaço interminável, enfadonho como as moscas de verão. Esse cotidiano é o viver que quebra as pernas. As fortes dores ou a morte não desanimam; mas esse cotidiano que quebra as pernas é o que torna a vida verdadeiramente dramática.

É então diante de um existir que quebra as pernas (não os nossos pensamentos, não as nossas intenções, não os nossos sentimentos, não o que discutimos), que nós precisamos fazer a verificação da fé: é diante dos desafios do real! Dom Giussani nunca desiste, e, colocando-nos diante da questão em termos existenciais, nos impede de trapacear sobre nós e sobre a fé. Ele nos desafia dizendo que é justamente diante das provações da vida que se vê a autenticidade ou não da nossa fé: “É esse [...] o sintoma da verdade, da autenticidade ou não da nossa fé: se o que realmente está em

⁵ “O verdadeiro problema de CL é a verdade da sua experiência”, org. por L. Cioni, *CL-Litterae communionis*, n. 4, abril de 1977, p. 8. Milão, Itália.

⁶ Francisco, *Audiência geral*, 3 de abril de 2013.

⁷ “O verdadeiro problema de CL é a verdade da sua experiência”, op. cit., p. 8.

⁸ *Corresponsabilidade*. Trechos da conversa de Luigi Giussani com o Conselho Nacional de Comunhão e Libertação – agosto de 1991, *Litterae communionis-CL*, novembro de 1991, p. 33.

⁹ Cf. C. Pavese, *Diálogos com Leucó*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 205-206.

primeiro plano é a fé ou, pelo contrário, outro tipo de preocupação; se realmente depositamos toda a nossa esperança no fato de Cristo ou, pelo contrário, esperamos dele apenas o que já decidimos esperar, e então, em última análise, ele se torna somente ensejo e ponto de apoio para os nossos projetos ou os nossos programas [que é de onde nós esperamos verdadeiramente tudo]. A lei do desenvolvimento espiritual, a lei dinâmica da vida da nossa fé [...] é realmente de extrema importância para os indivíduos, tanto quanto para a coletividade. Não deixa de ser verdade, sempre, que tudo coopera para o bem daqueles que entendem Deus e O desejam; e também não deixa de ser verdade, sempre, que no momento da dificuldade é que fica claro se você deseja a Deus ou não. [...] O que o homem ama vem à tona frente à pergunta, ao problema, à questão, à dificuldade. [...] Se o que buscamos é Cristo ou o nosso amor próprio, a afirmação de nós mesmos, seja qual for a forma que isso assuma, isso se vê, vem à tona, no exato momento da provação e da dificuldade”¹⁰.

E neste ano o que não nos faltaram foram dificuldades. Todos os temos bem presentes, daquelas gerais sobre a crise que se agrava sempre mais e sempre diz respeito a nós, aos nossos amigos, aos nossos concidadãos àquelas que se referem a todos nós como Movimento.

O que veio à tona ao enfrentar todas essas dificuldades? Na Jornada de Início de Ano fizemos uma hipótese de trabalho. “Tudo o que acontece é permitido por Deus para o amadurecimento daqueles que Ele escolheu”¹¹. O teste que Giussani propõe para comprovar se estamos nos tornando mais maduros na fé é justamente a capacidade que cada um de nós tem de transformar o que aparece como objeção, perseguição ou, de qualquer forma, como dificuldade, em instrumento ou momento de amadurecimento. É isso que demonstra a verdade da nossa fé.

O que fizemos dessa hipótese de trabalho? Nós a utilizamos? Tentamos verificá-la? Qualquer que tenha sido a resposta que cada um de nós deu à proposta feita, o que aconteceu? Se a usou, o que aconteceu? Se não a usou, o que aconteceu? Que experiência fizemos? O que aprendemos?

Nós repetimos com frequência nos últimos tempos que “uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, [...] diz o contrário”¹². Por isso, depois desse ano, estamos mais entusiasmados com a nossa fé, com a caminhada feita, ou estamos mais desanimados, mais abatidos, mais derrotados? Depois de todos os desafios que tivemos de enfrentar, estamos mais seguros ou mais inseguros? Mais consistentes ou mais destruídos? Podemos dizer, agora com mais consciência do que nunca, depois dos desafios enfrentados: “Quem nos separará do amor de Cristo?”. Não é que São Paulo não teve que enfrentar dificuldades enormes, mas essas dificuldades o levaram a essa certeza: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, os perigos, a espada? Segundo está escrito: ‘Por sua causa somos postos à morte o dia todo, somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro’. Mas em tudo isso somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou. Pois eu estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor”¹³. Essa é, para nós, uma frase bonita, com a qual concordamos, ou é uma certeza, fruto da experiência vivida? Porque todos sabemos muito bem a diferença entre repetir frases ou expressar a experiência feita, cheia de carne, documentada na vida.

Alguns podem responder assim: “Caro padre Carrón, li a síntese da Assembleia dos Responsáveis, acontecida em Pacengo. À pergunta ‘Mas eu, de todo esse período em que fomos desafiados sem descanso, saí com mais certeza sobre Cristo?’, respondo sim. Parece que sou presunçosa, mas, ao contrário, não sou, porque é Cristo que me faz”.

¹⁰ Cf. L. Giussani, “A longa marcha da maturidade”. Notas de uma conversa na “Escola de Quadros” de CL. Milão, 27 de fevereiro de 1972, in *Passos-Litterae communionis*, abril de 2008, p. 20.

¹¹ *Idem*, p. 21.

¹² L. Giussani, *Educar é um risco*, Bauru: Edusc, 2004, p. 16.

¹³ Rm 8,35-39.

Ouçam também esta outra: “Sinto o desejo de lhe escrever sobre a minha gratidão e o meu reconhecimento pelas últimas palavras que você disse e escreveu. Eu me refiro à síntese feita nos três dias de encontro com os responsáveis do Movimento e a carta que você enviou aos jornais por ocasião das circunstâncias que tocam a nossa vida. Ao mesmo tempo tenho a necessidade de lhe comunicar que, vivendo o meu quotidiano, o seguimento está se tornando um fator fundamental para o meu crescimento pessoal na fé, que gera segurança para enfrentar as dificuldades do quotidiano. O que está acontecendo em mim é algo surpreendentemente novo e, ao mesmo tempo, antigo, isto é, o renascimento da novidade que a experiência cristã traz para dentro da minha mentalidade. É um caminho muito lento, mas inexorável, ao qual não desejo opor resistência”.

Ou, ainda, esta outra carta: “Caríssimo Julián, não consigo conter o que gostaria de lhe falar. Há diversos dias estou emocionada, até de noite me agito! Aos 48 anos me surpreendo vivendo essa emoção, ao pensar que daqui a alguns dias irei aos Exercícios. Meu marido também percebeu isso e ontem à noite me disse: ‘O mais bonito desses Exercícios, para mim, é essa sua emoção, essa sua espera. Quem pode se emocionar como você!’ [E não é que não lhe aconteceu nada...] Nestes anos, depois da morte do meu pai, o desejo de não perdê-lo foi o único motor da minha vida. Isso me fez retomar uma pergunta essencial: ou me abater nos cantos das circunstâncias, ou recomeçar a partir da única coisa verdadeira acontecida na minha vida. A sua amizade, na proximidade das transmissões da Escola de Comunidade reacendeu esse desafio! Com o tempo, é como se fosse arrancado o véu e tudo em minha volta começou a ficar mais claro. Ao passo que eu comecei a ver mais claramente, toda a realidade piorava, ruía, demolia-se toda segurança (o trabalho do meu marido, a situação econômica cada vez pior, com quatro filhos que estudam, a mais velha na Universidade), com tantos riscos ligados. A coisa para mim absurda é que eu estou mais alegre do que antes, mas de uma alegria quase inexprimível. Agora percebo que aquilo que me surpreende começa a surpreender também aos outros, que me dizem: ‘Você é diferente’, ou então: ‘Você é tão apaixonada pelas coisas que eu gostaria de me comparar com você’. Mas o que mais me maravilhou foi que neste período, após a demissão do Papa Bento e a chegada do Papa Francisco, eu me percebo falando com as pessoas sobre Cristo de modo explícito e simples, como se fosse o sinal mais evidente do que aconteceu, e uma pessoa me disse: ‘Bem, agora que você me diz isso, eu também percebo!’. As pessoas ficam ali me ouvindo, surpreendidas pela descrição dos fatos mais correspondentes. E depois alguém expressou o medo de perder o Papa Francisco, como se fosse algo bonito que pudesse acabar! E eu respondi, antes de tudo para mim, com uma frase de *Miguel Mañara* que ouvi novamente há pouco tempo na voz de Dom Gius (por CD) e que me marcou: ‘Por que teme perder aquele que soube te encontrar?’. Tudo aquilo que aconteceu não foi idealizado por nós! Isto me surpreendeu e também aos outros! P.S. Obrigada pelo testemunho que você representa na minha vida”.

O que resiste quando somos despojados de toda segurança? Quem somos? A quem pertencemos? O que permanece quando muitos dos nossos projetos fracassam? O que permanece quando as nossas pretensões são anuladas? Permanece o que aconteceu conosco, porque isso ninguém pode anular, nem nós mesmos com nossas desilusões, raivas ou revoltas. Permanece o fato que aconteceu conosco.

Mas não basta que permaneça. Cada um deve decidir, ou melhor: decide e já decidiu. A alternativa é clara: reconhecer o fato que, de qualquer forma, permanece, porque nada consegue arrancá-lo de nós, ou não reconhecer o fato deixando prevalecerem as nossas medidas, os ressentimentos e os ceticismos. Na resposta que cada um dará pode descobrir, diante de si mesmo, o que tem de mais caro, a que coisa verdadeiramente adere, o que prevalece. Portanto, pelo modo como respondemos estaremos gritando a todos o que temos de mais caro, a começar por nós mesmos. Porque não é um problema moralista: é uma questão de juízo, de valor e de estima.

É a esta altura que podemos entender o alcance da pergunta inicial: “Mas quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a Terra?”¹⁴. Talvez nos ajude a não considerá-la óbvia se a

¹⁴ Lc 18,8.

formularmos de um outro modo: mas nós ainda cremos que Cristo pode preencher a vida? Como nos desafia Dom Giussani: nós esperamos verdadeiramente tudo do fato de Cristo ou, no fundo, não somos assim tão “ingênuos” – dizemos – como no início, e Cristo é uma entre muitas coisas, estímulo para os nossos projetos? Cremos que Cristo é a resposta adequada para nós, agora, nas circunstâncias que vivemos, na idade que temos? A fé em Cristo diz respeito à vida ou tem a ver apenas com um elenco de afirmações abstratas ou de iniciativas a realizar? Pois é verdade aquilo que diz Dom Giussani: “Pode-se pertencer ao Movimento sem que isso implique uma fé real, sem que a vida das pessoas e das comunidades seja contestada, sem conversão”¹⁵.

A frase do Apocalipse – que sinto dirigida primeiramente a mim e que, por isso, proponho também a vocês, amigos – me parece que se refere a todos: “És perseverante [tanto é verdade que estamos aqui], pois sofreste por causa do meu nome, mas não esmoreceste. Devo reprovar-te, contudo, por teres abandonado teu primeiro amor”¹⁶.

O nosso primeiro amor onde está?

Não podemos “manter de pé” um gesto com essa dimensão sem a contribuição e o sacrifício de cada um de nós na atenção aos avisos, ao silêncio e às indicações que nos são dadas. Cada uma dessas coisas é uma modalidade pela qual podemos pedir a Cristo que tenha piedade do nosso nada, que nos dê aquela conversão que nos torna verdadeiramente nós mesmos. Todos sabemos a necessidade que temos desse silêncio, que permite que penetre até o fundo cada coisa que nos é dita, para fazer com que esse silêncio se torne grito, súplica a Cristo para que tenha piedade de nós.

¹⁵ “O verdadeiro problema de CL é a verdade da sua experiência”, op. cit., p.8.

¹⁶ Ap 2,4.